

Fabulosa Palmares: um lugar imaginário na ficção de Jayme Griz e Hermilo Borba Filho

José Ronaldo Batista de Luna ¹

Mal corriam as notícias dos acontecimentos trocados pelos grupos que prestigiavam um a subida do Major e do boticário, outro a de siá Claudina culatrão, o tércio a do oficial do registro civil desta cidade de Palmares, pelo que dou fé, e já se formava um quarto para ver o desfile de personagens caminhantes do espaço [...].

Hermilo Borba Filho, O general está pintando.

Resumo: Este ensaio tem o objetivo de inscrever mais um espaço ficcional no vasto catálogo de lugares imaginários proposto por Alberto Manguel e Gianni Guadalupi (1980). Trata-se, a partir da leitura dos contos de Jayme Griz, nos livros *O lobishomem da porteira velha* e *O cara de fogo*, e das novelas de Hermilo Borba Filho, nos volumes *O general está pintando*, *Sete dias a cavalo* e *As meninas do sobrado*, de registrar a Palmares imaginária que emerge dessa produção literária. Dessa maneira, é possível visualizar um universo fabulativo comum, plasmado nos modos mágico, maravilhoso e fantástico.

Palavras-chave: Lugares imaginários. Novela. Jayme Griz. Hermilo Borba Filho.

Abstract: This essay has the purpose of inscribing more one fictional space within vast catalogue of imaginary places proposed by Alberto Manguel and Gianni Guadalupi (1980). It's about, from the reading of the tales of Jayme Griz, in the books *O lobishomem da porteira velha* and *O cara de fogo*, and also from Hermilio Borba Filho's short stories, *O general está pintando*, *Sete dias a cavalo* and *As meninas do sobrado*, recording the imaginary Palmares, which arise from all this literature. Thus, it's possible to visualize a common fabulative universe, which it's shaped in the magic, marvelous and fantastic.

Keywords: Imaginary places. Short story. Jayme Griz. Hermilo Borba Filho.

Resumen: Este ensayo tiene el objetivo de inscribir más un espacio ficcional en el vasto catálogo de lugares imaginarios propuesto por Alberto Manguel y Gianni Guadalupi (1980). O sea, es el registro, a partir de la lectura de los cuentos de Jayme

¹ Mestre em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE (PPGL/UFPE) e Doutorando pelo mesmo PPGL/UFPE.



Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada. https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR.

Griz, en los libros *O lobishomem da porteira velha* y *O cara de fogo*, y de las novelas cortas de Hermilo Borba Filho, en los volúmenes *O general está pintando*, *Sete dias a cavalo* y *As meninas do sobrado*, de la Palmares imaginaria que emerge de esa producción literaria. En ese sentido, es posible visualizar un cosmos fabulativo común, plasmado en los modos mágico, maravilloso y fantástico.

Palabras-clave: Lugares imaginarios. Novela corta. Jayme Griz. Hermilo Borba Filho.

Lugares imaginários

No ano de 1940, simultaneamente nas páginas da revista *Sur* e na *Antología de la literatura fantástica*, Jorge Luis Borges (1899–1986) publicara um dos textos fundantes de seu projeto ficcional, o conto “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius”. Na narrativa, Uqbar é um ignoto país onde se produz literatura fantástica; por sua vez, Tlön vem a ser um planeta imaginário criado nessa literatura. De sorte que, enquanto Tlön possui uma enciclopédia, do país de Uqbar, o leitor não conhece nada, salvo o que figura na fantástica enciclopédia que sua literatura produz. Dos quarenta volumes que a constitui, apenas um foi conservado, o décimo primeiro, cujo resumo é o cerne do conto borgeano. Outras narrativas suas poderiam suscitar o alargamento dessa inesgotável geografia imaginária, com a qual aprendemos a conviver, contando e recontando histórias que sempre hão de exceder as fronteiras determinadas por nossas vistas. Mas paralela à criação de mundos e personagens fantásticos, por vezes, o escritor argentino chegou a catalogar, segundo o próprio repertório de leitura, uma variedade de seres imaginários que povoa as páginas das mais distintas literaturas. Em Borges, essa propensão já está presente no conto “El idioma analítico de John

Wilkins” (1952), quando alude a uma “cierta enciclopedia china”, na qual os animais estão divididos de acordo com a seguinte classificação²:

(a) pertenecientes al Emperador, (b) embalsamados, (c) amaestrados, (d) lechones, (e) sirenas, (f) fabulosos, (g) perros sueltos, (h) incluidos en esta clasificación, (i) que se agitan como locos, (j) innumerables, (k) dibujados con un pincel finísimo de pelo de camello, (l) etcétera, (m) que acaban de romper el jarrón, (n) que de lejos parecen moscas (BORGES, 2005, p. 56).

Mas seria nas páginas de seu *Manual de zoología fantástica* (1957) que ele nos ofereceria uma compilação dos animais fantásticos comuns às mitologias e literaturas conhecidas, cuja totalidade, embora evoque as possibilidades infinitas da arte combinatória – “[...] ya que un monstruo no es otra cosa que una combinación de elementos de seres reales [...]” (BORGES, 1966, p. 8) –, efetivamente chega a ser menos pródiga que a “zoología de Dios”. Nesse plano conjectural, a ideia de semelhante inventário não tardaria em provocar o aparecimento de um registro análogo, embora permanentemente incompleto – como não poderia deixar de ser –, não dos seres, mas das terras e regiões presentes nas obras literárias que atravessaram os milênios. Tal projeto foi levado a cabo por Alberto Manguel (1948–) e Gianni Guadalupi (1943–) em 1980: ambos organizaram, à guisa de um guia de viagem, o *The dictionary of imaginary places* [Dicionário de lugares imaginários]. Com minuciosos mapas e outras tantas ilustrações de existência meramente fictícia, o livro converte-se num inusitado guia para os viajantes das letras. Ou seja, frente à diversidade espantosa de um inesgotável universo imaginário,

² Na década seguinte, as ideias presentes no texto borgeano dariam ensejo a uma das principais obras do filósofo Michel Foucault (1926–1984), como ele próprio informa no “Prefácio” de seu *Les mots et les choses* (1966).

inúmeras cidades e ilhas são catalogadas e descritas com seus habitantes, costumes e história: se algumas resultam familiares, revisitá-las será como deslumbrar-se mais uma vez. Sem outro meio de transporte especial que não um livro, em um minuto, é possível alcançá-las, e estaremos em lugares que de há muito só cabem num poderoso ato de imaginação. Brevemente, aportemos na saudosa ilha de Laputa, que paira sobre outra, ambas criadas por Jonathan Swift (1667–1745), no romance de aventura setecentista *Viagens de Gulliver* (1726):

LAPUTA. Ilha flutuante ou volante que paira sobre a ilha de Balnibarbi. Laputa é circular, com mais de sete quilômetros de diâmetro, trezentos metros de espessura e uma superfície total de 4 mil hectares. O fundo da ilha é uma placa lisa e regular de diamante de 180 metros de espessura, recoberta pelos estratos habituais de minerais e terra vegetal fértil. As encostas se inclinam na direção do centro da ilha, onde quatro grandes bacias recolhem as águas da chuva. Quando a evaporação natural não é suficiente para evitar que transbordem, a ilha pode se elevar acima das nuvens de chuva. Os lados da ilha flutuante consistem em escadarias e galerias que tornam Laputa acessível da parte inferior. [...] No centro de Laputa há um precipício de cinquenta metros de profundidade, pelo qual os astrônomos laputanos descem até uma grande cúpula, chamada *Flandona Gagnole*, ou Cova dos Astrônomos. Essa caverna fica a cem metros acima da superfície superior da camada adamantina (MANGUEL; GUADALUPI, 2003, p. 242).

No que tange à zoologia organizada por Borges, que identificara a limitação das criaturas fantásticas em relação aos seres da Natureza, agora, a ordem das coisas se apresenta invertida, pois se constatou que os lugares do “nosso” mundo podiam ser menos abundantes que os imaginários:

O mundo que chamamos de real tem fronteiras intransponíveis em que o velho princípio de que dois corpos (sem falar de duas montanhas) não podem ocupar o mesmo

espaço ao mesmo tempo é rigorosamente observado. Nosso dicionário, porém, trata de uma geografia mais generosa, na qual há sempre lugar para mais uma cidade, uma ilha ou um reino (MANGUEL; GUADALUPI, 2003, p. 11).

Não obstante, o planeta Tlön não figuraria nas páginas do *Dicionário*. Por motivos aclarados no “Prefácio” da obra, nele, os autores não incluíram locais que fossem “externos” à ambiência da Terra. De todo modo, na história da literatura, abundam inúmeros outros, cuja existência, ainda que imaginária, não deixou de seduzir os seres humanos de todos os tempos e de todas as idades. Mencioná-los aqui seria repetir as entradas do *Dicionário*, ou multiplicar o conteúdo de suas páginas. Não obstante, seria inevitável não registrar certos nomes cuja memória evoca textos milenares: alguns são ilhas, como a de Robinson Crusué, Avalon e a ilha do Diabo, ou mesmo um continente, como Atlântida; outros são países e reinos, como Nárnia, Cocagne, Oz e a Terra-média; outros são cidades, residências e fortalezas, tais como a glacial Kadath, Camelot, Macondo, Pasárgada, Tubiacanga, a mansão de Baskerville, o castelo de Otranto e a caverna de Montesinos. Contíguo a esses imorredoiros lugares, chama a atenção, na obra organizada por Manguel e Guadalupi, duas ausências: as cidades de Comala e Santa María (ambas faltas seriam perdoáveis, não fosse um dos organizadores um latino-americano, o argentino Alberto Manguel). A primeira localidade encontra-se no romance magistral do mexicano Juan Rulfo (1917–1986), *Pedro Páramo* (1955); enquanto a segunda permeia toda a obra romanesca do uruguaio Juan Carlos Onetti (1909–1994).

Posto de lado o tópico das ausências, este ensaio cumpre a tarefa de inscrever mais um nome no vasto catálogo de lugares imaginários: trata-se da fabulosa cidade de Palmares, não o município pernambucano

localizado na Mata Sul do estado, mas aquela que rigorosamente emerge do mundo ficcional de dois escritores brasileiros, os conterrâneos Jayme Griz (1900–1981) e Hermilo Borba Filho (1917–1976). Ou seja, a cidade ficcional engendrada pelo labor fabulativo de ambos os autores: de um lado, repontam engenhos mal-assombrados, porteiras encantadas e fadários de lobisomens; de outro, nos imaginosos episódios hermilianos, inúmeros elementos do mágico e do maravilhoso emanam quase que por todas as páginas – fundando um espaço magistralmente fabuloso em que a realidade e a imaginação prescindem de fronteiras.

Palmares griziana

A *primeira* Palmares, a mesma mencionada nos livros de história e representada nos mapas comuns, também se erigiu às margens do rio Una e do Pirangy, com seus peixes e cágados: encontra-se a 130 quilômetros da capital pernambucana, ao lado dos municípios de Catende, Xexéu, Água Preta e Joaquim Nabuco. Foi a terra natal de Jayme Griz, Hermilo Borba Filho e do vate Ascenso Ferreira (1895–1965) – este último um dos principais nomes do modernismo brasileiro.

Na primeira metade do século XX, a cidade oferecia alguns centros de vida intelectual, destacando-se pela presença do Theatro Apollo, o terceiro mais antigo de Pernambuco, pelo Clube Literário de Palmares e pela Loja Maçônica Fraternidade Palmarense, a primeira do Estado, além dos filmes no Cine Apolo e da livraria de Félix Ruy. Em entrevista ao jornal *O Globo*, de 1976, Hermilo confessou que o Clube Literário lhe facultara acesso à obras de Jules Verne, Stendhal, Dumas, Victor Hugo, Chateaubriand, Baudelaire, Musset, Honoré de Balzac, Voltaire,

Mérimée, George Sand, Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco, Alexandre Herculano, Antero de Quental, Tolstoi, Dostoievski, Gogol, Panait, Hamsun, Goethe, Dickens, Walter Scott, José de Alencar, Machado de Assis, Lima Barreto, Arão Reis, Franklin Távora, Carneiro Vilela, Manzoni e Pappini (CORREYA; ALVES, 2007). Em seu entorno, há ainda a memória dos engenhos de cana-de-açúcar, das casas-grandes e os ecos de uma tradição oral, herança dos idos do Brasil-colônia: esse legado mnemônico e imagético também persistiria nos arredores da cidade, pululando em bocas anônimas com o sabor de antigas histórias. Mas, aqui, interessa particularmente a *outra* Palmares, a cidade imaginária dos contos grizianos e das novelas de Hermilo: a dos velhos engenhos Cafundó, Liberdade, Bagaceira e Barbalho, às voltas com almas penadas e outros abantesmas; enfim, a do misterioso homem bissexto e do caso do pavão misterioso, das inúmeras personagens que transitam pelo Café de Nenê Milhaço e pelo Botequim de Guará – uma Palmares em que as horas são anunciadas pelas badaladas do vigilante Pirangi.

Dessa maneira, ao ficcionalizar alguns dos causos que ouviu nos tempos da meninice, em sua obra, Jayme Griz recria uma Palmares lúgubre e mal-assombrada: as estradas ermas são acometidas por espectros tenebrosos, formas licantrópicas e cavalos fantasmas, por vezes agentes da morte ou da loucura. Os espaços sombrios se multiplicam entre as histórias que configuram os dois volumes de contos que publicou: *O lobishomem da porteira velha* (1956) e *O cara de fogo* (1969). Em ambos, é constante a recorrência à ambientação noturna, geralmente acrescida do silêncio e da chuva. O narrador, às vezes, faz dos velhos escravos que eram chamados à noite para comparecer à casa-grande, como que voz institucionalizada de contador de casos de assombração. Nesse lugar

sinistro, o leitor avança irmanado ao medo das personagens, resvalando, de quando em quando, nos aparecidos que vagam pela escuridão. Já na abertura do primeiro livro, a fim de acentuar ainda mais a carga dessa atmosfera sombria que as envolve, chama atenção a recomendação do autor para que as narrativas sejam lidas preferencialmente à noite.

Em toda parte, predomina a escuro: “Noite de sexta-feira. Noite escura e chuvosa. Noite de correr lobishomem e mula-de-padre” (GRIZ, 1956, p. 23); “Noite de escuro no engenho Liberdade. Escuridão fechada da gente esbarrar um no outro. Noite velha. Noite em que não se ouve nem um piu de bacurau” (GRIZ, 1956, p. 35); “Era no mês de agosto. Noite de escuro. Os canaviais que marginavam a estrada e se estendiam pela beira do rio [...], dum lado e do outro [...], naquela altura do ano, já em ponto de corte” (GRIZ, 1956, p. 54); “Redes passam carregando defuntos, como no tempo da peste, balançando em varais nos ombros dos fantasmas, acompanhadas de tochas de luzes mortijas, dentro da noite de trevas” (GRIZ, 1956, p. 67); “Onze horas da noite. Tudo era silêncio e repouso, àquela hora, no velho engenho” (GRIZ, 1956, p. 73); “Era certamente de uma para duas horas da madrugada. [...] Naquele momento, um mistério insondável envolvia o mundo e as criaturas de Deus. A mata era àquela hora um mundo misterioso, sombrio e inescrutável [...]” (GRIZ, 1956, p. 93); “Era uma noite de escuro. Dessas em que parece que um gênio das trevas andara derramando breu pelos espaços infinitos de Deus. O céu estava escuro e ausente. As estrelas como que temerosas das trevas, sumiram” (GRIZ, 1969, p. 54).

Inerente aos elementos de malassombro que as alimentam, nas narrativas grizianas, a tônica principal é seu entorno eminentemente ruralizado, donde uma Palmares que, por assim dizer, emerge ao lado de

almas-do-outro-mundo, lobisomens e mulas-sem-cabeça; menos urbana que a das novelas de Hermilo Borba Filho, Griz funda seu lugar imaginário no solo onde dormem os defuntos sepultados no sopé das casas-grandes³. Dessa maneira, com as narrativas de *O lobishomem da porteira velha* e de *O cara de fogo*, florescera um universo fantasmal que privilegia os sítios, as taperas, o canavial e o terreiro dos engenhos de açúcar. Já no “Prefácio” da coletânea de 1956, Gilberto Freyre (1900–1987) havia assinalado essa configuração estética na obra do escritor palmareense. De acordo com o sociólogo, determinadas assombrações são típicas de ambientes citadinos, enquanto outras se limitam às matas e aos descampados. A propósito destas últimas, Freyre destacaria:

Conheço mais de uma história de assombração rural em que o ponto escolhido pelo lobisomem ou pela alma penada para aparecer à gente rústica com uma exatidão matemática de lugar e de hora é uma porteira: alguma velha porteira de engenho banguê (FREYRE, 1956, p. 13).

No que tange a essa criatura fantástica, Griz a reelabora com novos matizes no conto homônimo *O lobishomem da porteira velha* (1956). No texto, um cruel senhor de engenho, depois de ser excomungado por um padre do local, empobrece, adoece e, em seguida, se metamorfoseia no monstro, assombrando, em noites de sexta-feira, os moradores que passassem nas proximidades de uma antiga porteira.

Dizem que depois da excomunhão do engenho e do desaparecimento do padre, o senhor dos negros deu para trás, empobreceu, amofinou, adoeceu e, lá um dia, depois de muito padecer, amarelo, inchado, cabeludo como um bicho,

³ Essa prática de proximidade com os cadáveres dos entes queridos, que perdurou durante o período colonial, predominara no Brasil até meados do século XIX. Nosso primeiro cemitério extramuros foi construído em Salvador, no ano de 1836; o de Recife data de 1851.

rinchando e dando popas como se fosse um cavalo, ganhou o mato. Desapareceu. Virou lobisomem (GRIZ, 1956, p. 21).

De acordo com anotações de Ademar Vidal, em seu livro *Lendas e superstições: contos populares brasileiros*, a porteira é um lugar propício ao aparecimento de visagens e assombrações: “[...] é local reservado para os encontros de almas do outro mundo. Vultos furtivos que escapam maciamente dos olhos fixos dos crentes e supersticiosos. Local destinado às conversas de fantasmas” (VIDAL, 1950, p. 283).

Na narrativa griziana, dois empregados do engenho Cafundó (Zé Valente e Chico Magro), desconsiderando as proibições do coronel – ou seja, “que não queria que saísse ninguém, de noite” –, precisamente ao anoitecer, saem às escondidas para se encontrarem com duas moças nas redondezas de Pau Pombo. De lá, apenas regressariam de madrugada, sozinhos e sonolentos, pela estrada ainda escura. O narrador nos informa que aquela era uma noite de sexta-feira, aliás, muito escura. E como chovesse, ambos decidiram tomar um atalho. Mas, ao seguir tal percurso, se depararam com algo impreciso movendo-se diante de uma velha porteira que havia no caminho:

Pararam. A chuvinha continuava. Silêncio. Solidão. Chico espiou para a porteira. Qualquer coisa lhe passou também pelo corpo. Um estranho calafrio fê-lo estremecer da cabeça aos pés. Continuaram parados, silenciosos, olhando a porteira, numa atitude de assombro. O que estava ali por trás da velha cancela, não sabiam bem o que era, mas não tinham mais nenhuma dúvida, lá estava uma coisa estranha que se mexia, e, já agora, abalava a porteira como se quisesse passar para o lado em que se achavam, cheios de espanto, os dois corumbas. E ambos raciocinavam: Que diabo seria lá aquilo? Porco, àquela hora, naquelas paragens, não podia ser. Cachorro, também não. Gente, muito menos... Seria então uma abusão das tais de que no engenho tanto se falava? (GRIZ, 1956, p. 24-25).

Ambos compreenderam que, àquela distância, era impossível fugir: a terrível criatura estava diante deles. Após algum momento, num combate sem tréguas, um deles gritou: “– Valha-me Nossa Senhora!!!” (GRIZ, 1956, p. 25). Apesar de terem afugentado o bicho, cuja desapareição fora acompanhada de um berro infernal, puseram-se a correr. Mas Zé Valente morrera tão logo alcançou a bagaceira do engenho; e Chico Magro, ainda desorientado, desatinado, continuaria perambulando para além das terras de Cafundó. Nas demais narrativas, também encontraremos a presença de elementos análogos: as aparições ocorrem à beira das estradas e no silêncio de casarões desabitados, geralmente em horas avançadas, surpreendendo as personagens em aziagas noites de sexta-feira.

Palmares hermiliana

Seja pela habilidade de exímio narrador e domínio das formas literárias, seja pelo momento em que veio à lume, o conjunto das novelas de Hermilo Borba Filho representa um dos pontos mais altos de sua carreira como escritor, ao mesmo tempo em que coincide com o encerramento de sua vida, cujo decesso se deu em junho de 1976. Como é sabido, ele as publicou isoladamente em três livros, entre os anos de 1973 e 1976: *O general está pintando*, *Sete dias a cavalo* e *As meninas do sobrado*⁴. Mas Hermilo era um “homem-orquestra”, como já asseverou Renato Carneiro Campos (CORREYA; ALVES, 2007): além de novelista,

⁴ Há poucos dias suas novelas foram relançadas num único volume, em edição da Cepe (Companhia Editora de Pernambuco). O novo projeto editorial – embora equivocadamente intitulado *Contos* –, ao reunir as cinquenta e cinco narrativas, paradoxalmente evidencia ainda mais os procedimentos formais empregados pelo autor.

fora também dramaturgo, romancista, ensaísta, crítico literário e teatral, ademais de diretor de teatro. Ainda em 1973, quando da compilação do primeiro volume da tríade novelística, o escritor assim se expressou, numa crônica publicada no *Diário de Pernambuco*: “[...] entrego à Editora Globo *Um general está pintando* e tudo no livro é Palmares com a sua gente recriada, eu mesmo recriado [...]” (BORBA FILHO, 1997, p. 31). Ou seja, nessas narrativas o autor evoca a memória de sua terra natal, de sua gente e das formas da cultura popular como matéria ficcional, a fim de elaborar um universo imaginário próprio, uma Palmares radicada num tempo mítico. Em seguida, complementar: “[...] estou confundindo os mortos com os vivos, não importa, tudo é vivo enquanto eu viver, e até mesmo depois que eu não mais viver, nos meus livros, prolongo o tempo do esquecimento” (BORBA FILHO, 1997, p. 31).

Esse *locus* fabulatório assoma como um dos momentos mais ricos da literatura em língua portuguesa: sem prescindir dos modos *mágico*, *maravilhoso* e *fantástico*, o narrador convoca figuras míticas do Romanceiro Popular do Nordeste e alguns recursos das vanguardas literárias. Nada obstante, embora a presença de elementos da cultura popular nas novelas hermilianas nunca seja infrequente, sua concepção de *popular* excluiria o “fácil” e o “meramente político”, isto é, para Hermilo, arte popular é a que alcança grande penetração entre as pessoas. A propósito, no *Manifesto* do TPN (CARVALHEIRA, 2011), o autor incluiu, entre outros, os trágicos gregos, o teatro religioso medieval, o mundo de Molière e Gil Vicente e o século de ouro espanhol. Dessa maneira, ao lado de referências sobre o bumba-meu-boi, o fandango, o mamulengo e o pastoril, e da reelaboração de tradicionais folhetos de cordel – entre os quais *O romance do pavão misterioso* e *O*

*romance de João Besta e a gia da lagoa*⁵ –, em suas novelas, Hermilo se vale de sofisticadas técnicas narrativas, equiparando-se aos melhores narradores da literatura ocidental. O resultado não é outro senão a fundação de um primoroso cosmo fabulativo, com personagens que transitam desembaraçadamente entre as histórias, em distintos episódios que formam uma totalidade harmoniosa e sedutora, possível apenas na configuração da novela.

Ao mesmo tempo, essa vetusta forma literária, cujos começos coincidem com a prosificação das canções de gesta nos idos do medievo, se reoxigena no estro hermiliano: suas *novelas*, como rigorosamente as classificou desde a folha de rosto das publicações originais, se inserem na tradição das narrativas episódicas, porém acrescidas dos elementos já mencionados. Ao todo, compõem um quadro de cinquenta e cinco histórias – por vezes erroneamente chamadas de “contos” –, em que a sucessividade cronológica está ausente, porque, na fabulosa Palmares hermiliana, vigora um tempo mágico; de modo que o leitor pode, segundo seu arbítrio, iniciar a leitura em qualquer ordem. Inevitavelmente encontrará algumas personagens presentes em diferentes novelas, com vidas distintas e também mortes distintas, como ocorre com Mucurana, cujo óbito se dá de uma maneira em “O peixe” e de outra em “O hospital”.

Entre os trânsitos de personagens, vejamos os mais frequentes: o Cabo Luís em “Episódio do homem bissexto”, “Dom”, “A anunciação”, “O traidor”, “O portador”, “O perfumista”, “O morto”, “Lindalva”, “Os amantes”, “A testemunha” e “O hospital”; o Palhaço Jurema em “O

⁵ De autoria de João Melquíades Ferreira da Silva (1869–1933) e Francisco Sales Areda (1916–2005), respectivamente.

perfumista” e “O palhaço”; Pirangi em “O arrevesado amor de Pirangi e Donzela ou o Morcego da meia-noite”, “Auto-de-fé do pavão misterioso”, “A anunciação”, “Jogo de bilhar” e “Lindalva”; Claudina culatrão em “O arrevesado amor de Pirangi e Donzela ou o Morcego da meia-noite”, “Cinco traques de velha” e “Os tropeiros do céu”; Inácia Lambe-Lambe em “A anunciação”, “Hierarquia”, “A trágica estória do doutor Fausto e o Cão do segundo livro” e “O morto”; Zumba-Dentão em “A gravata”, “A anunciação” e “O traidor”; Filogônio em “As lagartixas indianas” e “Cinco traques de velha”; Boca-de-Rã em “As lagartixas indianas”, “A anunciação” e “A trágica estória do doutor Fausto e o Cão do segundo livro”; Guará em “Episódio do homem bissexto”, “A anunciação” e “O portador”; e Mestre Lindolfo em “Auto-de-fé do pavão misterioso”, “Jogo de bilhar” e “Retratos e flores”.

Esse trânsito, comum à forma novelesca, ao tempo em que multiplica as vidas dos mesmos personagens, amplia as possibilidades de leitura. Os episódios, por assim dizer, irmanam-se, mas não se acumulam como que à espera de um epílogo, nem pressupõem um desfecho; antes se encerram em si mesmos. De acordo com o professor Massaud Moisés (2013, p. 331), “[...] a novela apresenta um quadro típico, a começar pela ação: essencialmente multívoca, polivalente, ostenta *pluralidade dramática*. Constitui-se de uma série de unidades ou células dramáticas encadeadas, com início, meio e fim” (grifos do autor).

Dessa maneira, consideradas isoladamente, nesse imenso tecido ficcional, as unidades fabulativas das novelas hermilianas funcionariam independentemente das demais; no entanto, é em seu conjunto que logramos entrever o universo de sua urdidura. Daí a potencialização de sua força narrativa quando são lidas de modo integral, desconsiderando

o projeto original do próprio autor, que entendeu de apresentá-las em publicações sucessivas. Em Hermilo, essas células fabulativas têm, na figura do narrador, um dos principais traços de unidade: acrescido às outras personagens, se amalgama na mesma linguagem e no mesmo barro imaginativo. Ao fim e ao cabo, é ele quem seduz o leitor, revelando-nos em cada peça seu mundo, seu entorno embevecido: uma Palmares eternamente presente, aberta aos eflúvios do mágico, do maravilhoso e do fantástico, sempre à espera de um novo viajante.

Ali, enquanto o atento vigia Pirangi anuncia as horas noturnas, badalando o sino do mercado central, amantes, jogadores e farristas trafegam pelas ruas vazias. Quanto a ele, em seu silêncio, se depara com um acentuado odor de jasmim e a presença de um enorme e misterioso morcego, que o visita por quinze madrugadas, sempre a partir da meia-noite. Nesse período, por todas as noites, copula com uma forma algo indefinida de mulher; passado esse período de tempo, ambos, o morcego e a manceba não mais reaparecem, para tristeza do solitário Pirangi. Ocorre que Donzela, uma pedinte desdentada e fétida que deambulava pelas ruas da cidade, para surpresa geral, meses depois, aparecerá grávida. O fim do mistério em “O arrevesado amor de Pirangi e Donzela ou o Morcego da meia-noite” culminará com acontecimentos prodigiosos em todos os quadrantes da cidade. No dia do nascimento da criança,

[...] na mesma hora, precisamente às seis, uma travosa neblina se esparramou pela cidade, não era muito natural mesmo para o inverno, o sino do mercado começou a bater doidamente como num chamado de socorro, os que para ali corriam não conseguiam encontrar a praça, baratas tontas no mais denso da névoa, todos os relógios desandaram e não havia um marcando o que o outro [...], os pitus do rio Una cresceram dez

vezes o seu tamanho e invadiram a Rua da Lama, eles mesmos entrando nas panelas de barro que também cresceram para cabê-los, as lavadeiras aceitaram o acontecido naturalmente e acenderam o fogo e ferveram a água e se banquetearam [...], o piano do Recreio Familiar começou a tocar valsas e logo se improvisou um baile na calçada já que as portas estavam fechadas e ninguém conseguiu abri-las, as luzes se acenderam sem que Amâncio, da Casa de Força e Luz houvesse acionado o motor, muitas famílias que viviam pranteando seus mortos queridos – avós, pais, irmãos, filhos – foram por eles visitadas e houve repulsa total, ranger de dentes, desmaios foram o de menos [...] (BORBA FILHO, 1973, p. 44-45).

Noutra novela, intitulada “A roupa”, Rodrigo Sil do Nas (nome adotado em cartório desde que ele se alfabetizara e que, segundo o narrador, provavelmente o Sil poderia ter sido Silva e o Nas Nascimento), chefe de estação aposentado, prepara-se para ir jogar cartas com amigos: pela manhã, após uma “sopa de sustança” e o banho frio, costumava se arrumar com maestria para encontrar-se com os parceiros. Sempre muito escovado, saía “todo no trinque”. Mas, naquele dia, algo verdadeiramente estranho lhe aconteceria. Ao sentar-se à roda dos camaradas, sentiu que o paletó lhe apertava; tentou desabotoar a camisa, mas não conseguiu: a roupa começara a impregnar-se na própria epiderme. Tocou-se e percebeu que nas extremidades de seu corpo tudo era simultaneamente pele e tecido. Foi assim:

[...] sentiu uma comichão na barriga, coçou-a desesperadamente como se coçasse através da roupa mas roupa mesmo não existia mais, levantou-se, deixou a roda, foi para o fundo do quintal, atrás das bananeiras, vou me despir, não pôde, não eram somente botões e casas que faltavam, faltavam também as aberturas e saídas, estava tudo se fundindo na sua pele, via, era tudo como uma levíssima pele de ovo, procurou descascá-la, sentiu dor, tudo se desenhava já no seu corpo, com pouco mais era a própria pele só que toda branca [...] (BORBA FILHO, 1976, p. 35).

Deu-se o caso, nesse episódio, que o chefe de estação de primeira classe aposentado, Rodrigo Sil do Nas, não pôde mais desfazer-se do embaraço da misteriosa roupa que vestira naquele dia para ir jogar. Podia até ser no Botequim de Guará, ou mesmo no aprazível café de Nenê Milhaço, na descida do Alto do Lenhador. Em qualquer lugar: Palmares toda era um *locus* encantado. Houve também um pavão misterioso, engendrado com talento de artesão: em seu dorso carregava Evangelista e Creuza. O tema do velho romance de cordel, então recriado, dera por se chamar, no mundo das novelas hermilianas, “Auto-de-fé do pavão misterioso”. De modo que no término da narrativa, revelando a tradição na qual o autor está inserido, o narrador anuncia seu vínculo com a literatura medieval, ao mesmo tempo em que se despede com algumas notas de sexualidade e erotismo, tão comum à ficção de Hermilo:

[...] dos olhos do pavão misterioso saíram os Doze Pares de França, seis de cada lado, os veludos variegados, as lanças resplandecentes, montados em cavalos ricamente ajaezados; e do bico, finalmente, saiu o impávido, barbudo e senhorial nada mais nada menos que o próprio Imperador Carlos Magno, orgulho da cristandade, batalhador da fé, Garanhão-Mor. Todos se juntaram acima do pavão que voltou a rodopiar e, num corrupio, foram subindo, lentamente, aos poucos se confundindo com a luz do dia, desaparecendo na claridade, agora já era o sol, os primeiros raios do sol, e as cinco badaladas das cinco horas. Os espectadores da madrugada voltaram às suas ocupações, Evangelista e Creuza apertaram-se mais as mãos, caminharam pelos becos frescos e calmos para a Rua Bela, em casa entraram, na cama se deitaram, e durante três dias e três noites se entregaram à doce ocupação do beringote beringote (BORBA FILHO, 1973, p. 96).

Considerações finais

Dessa maneira é que Palmares, seja nos contos de Jayme Griz ou nas novelas de Hermilo Borba Filho, enquanto espaço de fabulação, efetivamente, se insere no rol dos numerosos lugares imaginários da literatura. De há muito aberta aos viajores das letras, sua visita será acompanhada por condutores hábeis, mas o início da jornada e as impressões do percurso permitirão um destino inteiramente individual. Ou seja, ao promover o alargamento do imaginário, aqueles autores multiplicaram as rotas de leitura, nas quais cada leitor terá de firmar seu próprio pacto com as leis do jogo ficcional. Como asseveraram os organizadores do *The dictionary of imaginary places*, um catálogo dessa espécie haveria de ser indefinidamente incompleto, permanentemente enriquecido por novos espaços imaginativos. Assim, para fantasia e contentamento dos leitores, à maneira de Avalon, Camelot, Cocagne ou Comala, Palmares também figurará nessa lista interminável de paragens ficcionais. Embora distantes umas das outras, frequentá-la exigirá de si menos que um passo: bastará a abertura de um livro e essa fabulosa cidade imaginária estará nos esperando nas páginas de *O lobishomem da porteira velha*, *O cara de fogo*, *O general está pintando*, *Sete dias a cavalo* ou *As meninas do sobrado*.

Referências

- BORBA FILHO, H. **O general está pintando**: novelas. Porto Alegre: Globo, 1973. (Coleção Sagitário)
- _____. **Sete dias a cavalo**: novelas. Porto Alegre: Globo, 1975. (Coleção Sagitário)
- _____. **As meninas do sobrado**: novelas. Porto Alegre: Globo, 1976. (Coleção Sagitário)

BORGES, J. L. **Ficciones**. Buenos Aires: Emecé, 2005.

_____. **Otras inquisiciones**. Buenos Aires: Emecé, 2005.

BORGES, J. L.; GUERRERO, M. **Manual de zoología fantástica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1966.

CARVALHEIRA, L. M. B. **Por um teatro do povo e da terra**: Hermilo Borba Filho e o Teatro do Estudante de Pernambuco. 2. ed. Recife: CEPE, 2011. (Palco pernambucano).

CORREYA, J.; ALVES, L. (Orgs.). **A palavra de Hermilo**. Recife: CEPE, 2007.

FOUCAULT, M. "Prefácio". In: _____. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 9-22. (Coleção tópicos).

FREYRE, G. Prefácio. In: GRIZ, J. **O lobishomem da porteira velha**. Recife: Arquivo Público Estadual, 1956. P. 11-15.

GRIZ, J. **O lobishomem da porteira velha**. Recife: Arquivo Público Estadual, 1956.

_____. **O cara de fogo**. Recife: Museu do Açúcar, 1969.

MANGUEL, A.; GUADALUPI, G. **Dicionário de lugares imaginários**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

VIDAL, Ademar. **Lendas e superstições**: contos populares brasileiros. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1950.

Recebido em 06/10/2017.

Aprovado em 09/10/2017.